

Campereadas

O BOLICHEIRO NUNCA MORRE

Campeãdas

PAULO MENDES

O BOLICHEIRO NUNCA MORRE



Editora Sulina

© Paulo Mendes, 2019

Capa: Pedro Dreher (criação e finalização)
Fotos: Eduardo Rocha
Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda
Revisão: Júlia Dias da Silva
Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M538c Mendes, Paulo
Campereadas: o bolicheiro nunca morre / Paulo Mendes. –
Porto Alegre: Sulina, 2019.
150 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-85-205-0853-4

1. Literatura Sul-Riograndense - Contos. 2. Crônicas – Literatura Sul-Riograndense. 3. Contos – Literatura Sul-Riograndense. I. Título.

CDU: 821.134.3(816.5)-34
821.134.3(816.5)-94
CDD: B869.3

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3110.9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Agosto/2019

Para Almerinda Caetano da Silva Mendes (*in memorian*), a dona Merica, Tia Mirica ou somente Mirica.

Veja, mãezinha, o guri que tu criaste cresceu, branqueou as melenas e está aqui, como um menino, pedindo a tua bênção. Este livro é teu, amada bolicheira.

Sumário

Primeira prosa	9
Balcão	11
1. O bolicheiro nunca morre	13
2. Almerinda em seu balcão	15
3. Oratório de Campanha	17
4. Onde está meu coração	19
5. A adaga voadora	21
6. Otaviano fala da morte	23
7. Alma tropeira	25
8. Feridas	27
9. Canto aos sem importância	29
10. Um pala pampa oveiro	31
11. Carreteiro das palavras	33
12. O Zé não ficou sem gaita	35
13. Eu te abençoo, meu filho!	39
14. Uma rosa para Belinha	41
15. O pequeno leiteiro	43
16. Um canto libertário	45
17. Pela neblina do tempo	47
18. O que nunca muda	49
19. O destino	51
20. Seu Neto e o boi brasino	53
21. A felicidade é redonda	55
22. Mirinha e seu pai	57
23. Manhãs de maio	59
24. Leiteiro e bolicheiro	61
25. Sonho de bolicheiro	63
Canha	65
1. Para além das pandorgas	67
2. De bolitas, caniços e pandorgas	69
3. Um picolé e nada mais	71

4.	O homem, o cavalo e o guri	73
5.	Domador da vida	75
6.	As rugas do nosso outono	77
7.	As delicadezas do campo	79
8.	Das singelezas	81
9.	O que a gente nunca esquece	83
10.	O varal	85
11.	O abraço.....	87
12.	A mão fria de agosto	89
13.	O cheiro da vida	91
14.	Cheiro de jasmim	93
15.	O carroção das melancias.....	95
16.	Uma estranha amizade.....	97
17.	“A ponte”	99
18.	Rodeio das ausências.....	101
19.	Meu pequeno mundo	103
20.	Pequenas confissões.....	105

	Balança.....	107
1.	A arte de juntar gravetos	109
2.	A prosa dos derrotados.....	111
3.	Adubo	113
4.	A lavadeira.....	115
5.	Nas vozes do vento	117
6.	Coplas para os abandonados.....	119
7.	De onde vertiam sonhos	123
8.	Doces roubados.....	125
9.	Arrabaldes	127
10.	Bichos.....	129
11.	O campinho das rosetas	131
12.	O potro chorou	133
13.	No osso do peito.....	135
14.	Os moirões do destino.....	137
15.	As quietudes.....	139
16.	No crepitar dos fogões	141
17.	O Nazareno e o tropeiro.....	143
18.	Por onde andam?.....	145
19.	Para todos os que se foram.....	147
20.	Restará de mim.....	149

Primeira prosa

Chega atrasada esta terceira coletânea de Campereadas. Este livro era para ter nascido antes (Campereadas 2 foi publicado em 2014), mas, contraditoriamente, surge na hora certa, ano em que se completam dez anos de crônicas, contos e causos aqui no Correio do Povo Rural. Foi também neste ano, que aos 24 de março chegamos à expressiva marca de 500 textos, cinco centenas de quadros da Querência. Não me canso de externar o orgulho por este trabalho. O regionalismo rio-grandense que verte aqui não tem floreios, é simples e genuíno como o autor, um guri que se criou numa chácara beira de estrada no interior do Rio Grande do Sul, ajudando os pais adotivos, atendendo no balcão, tirando leite na mangueira e carroceando. Depois, como que por um destino traçado, virou jornalista e escritor.

Assim como a literatura e as demais artes, o bolicheiro nunca morre, saltará detrás do balcão cada vez que o livro for aberto. Em cada página estará o cheiro do fumo em rolo, da cachaça, da banha, da querosene, da erva-mate e do suor do lombo dos cavalos. O leitor, do campo e da cidade, independente da idade, profissão ou posição social, se identificará com a humanidade dos peões de estância, dos sem eira nem beira, dos desvalidos, dos miseráveis que vagueiam pelos corredores sem fim. Uma gente humilde que encontra no boliche o lenitivo para sua desesperança.

Esta obra é para ser lida como quem apeia numa bodega e golpeia um trago escorado no balcão. Devagar, sentindo prazer, puxando prosa com os companheiros, feliz e satisfeito. Muitos dos que agora vão ler estas histórias aqui reunidas já as conheciam. Mas garanto que trazem um novo sabor. Entrego-lhes, meus amigos, outra vez, o sentimento de um contador de causos que continua sendo um guri, um bolicheiro, e, que, por ser feito de palavras, viverá para sempre montado no pingão da imaginação.